

A mortificação da carne em *Der arme Heinrich* de Hartmann von Aue e *Parzival* de Wolfram von Eschenbach: um estudo comparativo

Profa. Daniele Gallindo Gonçalves e Souza
Mestranda em História/ PPGHC/UFRJ
danigallindo@yahoo.de

Resumo

O presente artigo tenciona um estudo comparativo de dois personagens específicos das obras *Der arme Heinrich* e *Parzival*, respectivamente Henrique e Anfortas, o rei-pescador. Para tal análise serão abordados os conceitos corpo, alma e carne e suas leituras pela sociedade do baixo medievo, mais especificamente nos séculos XII e XIII no Sacro Império Romano Germânico.

Palavras-chave: Baixa Idade Média - Romance de Cavalaria- mortificação da carne

Abstract

This present article aims to make a comparative study of two specific characters of the works *Der arme Heinrich* and *Parzival*, respectively Henry and Anfortas, the fisher-king. To make such analysis we will examine the concepts of body, soul and flesh, and their readings by the low medieval society, more specifically in the XII and XIII centuries of the Holy Roman-Germanic Empire.

Keywords: Early Middle Ages, Chivalry novel, Mortification of the flesh

I. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende discutir algumas questões referentes à mortificação da carne nos séculos XII e XIII no Sacro Império Romano Germânico. Para tanto, lançaremos(1) mão de um estudo comparativo entre dois personagens específicos dos romances de cavalaria *Der arme Heinrich* e *Parzival*, respectivamente Henrique e Anfortas, o rei-pescador.

I. 1. Resumo *Der arme Heinrich* de Hartmann von Aue

O primeiro dos textos que nos propomos a analisar fora escrito por volta de 1195 pelo **Minnesänger** (2) Hartmann von Aue, que narra as aventuras e desventuras do cavaleiro Henrique.

Henrique era o autêntico cavaleiro – “abjurara da falsidade e da torpeza” (v. 49-50), “mantivera-se firme no juramento com constância até o fim”(v. 511-52), “honrado”- mas “alegrava-se com as delícias do mundo”(v. 78); “Quando julgamos viver da melhor maneira possível,/ oscilamos na morte”(v. 94-95); “Aquele que no mais alto valor/ sobre esta terra vive,/ é para Deus um desdenhador”(v. 112-114). E assim Henrique é acometido pela lepra. Suas alegrias transformam-se em tristeza e aflição. Procura os melhores médicos, mas para seu mal não há solução, a não ser a graça divina, até que em Salerno um mestre lhe diz: “... Vós tendes que encontrar uma donzela,/ que esteja apta a casar/ e também tenha vontade/ de sofrer a morte por vossa causa.”(v. 223-226); “... Nada mais adianta/ a não ser o sangue do coração da donzela:/ isto seria o remédio para vossa enfermidade.”(v. 229-231). Com isso, suas atitudes modificam-se: “começou.../ a enriquecer seus parentes pobres/ e auxiliou a estranhos pobres,/ de forma que Deus misericordiosamente/ considerou a salvação de sua alma;/ Às casas de Deus coube o restante./ ..., ele desistiu/ racionalmente de suas posses/ salvo uma propriedade;/ lá ele se isolou das pessoas.”(v. 250-259).

Ao isolar-se das pessoas, Henrique vai morar com um de seus servos. Com o camponês moravam sua “mulher bem honrada/ ... belas crianças,/ as quais bem são a alegria do homem,.../ dentre elas uma moça,/ uma moça de oito anos.”(v. 297-302). A dedicação de pais e filha (digo somente filha, pois os outros filhos não são mencionados na obra) para com o seu senhor (Henrique) ameniza seu sofrimento. A criança-menina torna-se sua mais leal serva – “Ela dirigia seu coração/ com bondade puramente infantil/ para seu senhor,/ de forma que sempre era encontrada/ aos pés do senhor./ Com doce aplicação/ atendia ao seu senhor.”(v. 320-326), e “Com devoção ele imediatamente a levou/ a ser tão íntima dele,/ que ele a chamava de noiva.”(v. 336-338).

Certa vez, conversando com o camponês, Henrique falava de seu glorioso passado, de seu sofrimento presente e de seu incerto futuro – “Antes disso eu era teu senhor,/ e agora sou teu mendigo”(v. 425-426), “... é totalmente impossível,/ que alguém por minha causa/ sofra com prazer a morte.”(v. 450-452). Toda a conversa fora ouvida pela “pura donzela”, causando-lhe grande angústia, fazendo com que por três noites consecutivas não dormisse pensando no que ouvira, até que, decidida, vai conversar com seus pais: “Como meu senhor nos disse,/ pode-se muito bem curá-lo./ Eu sou, vós não quereis me impedir,/ um bom remédio para ele./ Eu sou uma donzela e tenho a vontade de,/ antes de vê-lo perecer,/ preferir morrer por ele.”(v. 555-561). Após longos diálogos entre mãe e filha, é consentido que a menina doe sua vida conforme seu desejo.

Tudo acertado, o comunicado é feito a Henrique.

Após a despedida dos pais, partem para Salerno ao encontro do mestre. Lá chegando, o mestre interroga a donzela, a fim de ter certeza de que o sacrifício que irá fazer é de coração, para que seja capaz de salvar Henrique, seu senhor. “Eu sou mulher e tenho força”(v. 1136)- responde a donzela. Com a certeza em suas mãos, o mestre leva a donzela para uma sala, desnuda-a, amarra-a em sua mesa, amola sua faca para que o sacrifício seja realizado, mas Henrique, por uma brecha na parede da sala, consegue vê-la, comove-se com a cena e interrompe o mestre – “Esta criança é tão bela,/ em verdade eu não posso/ assistir a sua morte;/ a vontade de Deus deve acontecer comigo.”(v. 1281-1284).

“O sagrado Cristo mostrou,/ o quanto lhe são caras a fidelidade e a compaixão,/ e libertou a ambos/ de todo o sofrimento/ e o fez imediatamente/ puro e completamente saudável.”(v. 1382-1387). Retornaram à casa e grande foi a alegria de todos pela vida da donzela e pela cura, que se operara em Henrique.

“Ele tornou-se mais rico que antigamente/ em bondade e em honras./ Tudo isso ele começou a dedicar/ constantemente a Deus/ e observava suas ordens/ melhor do que anteriormente fazia.”(v. 1447-1452). E casou-se com a donzela.

I . 2 . Resumo Livro IX do *Parzival* de Wolfram von Echenbach

O segundo texto, escrito por Wolfram von Eschenbach entre 1197 e 1210, narra as aventuras de Parzival em busca do Santo Graal. Contudo, nossa análise não visará o texto na íntegra, mas somente o Livro IX.(3) Neste, Trevrizent, o eremita, conta para Parzival a verdadeira história do rei-pescador e seu sofrimento.

Após viajar por muitas terras, Parzival encontra com Sigune pela terceira vez. O encontro ocorre em uma ermida no meio da floresta. Sigune renunciara a todas as alegrias do mundo e mantivera-se virgem por lealdade a seu amado, que fora exumado e mantido na ermida. Parzival é perdoado por Sigune, pela culpa que carregava de não ter libertado Anfortas do sofrimento e por não ter se tornado rei do Graal.

Continuando sua cavalgada semanas a fio, encontra um grupo em peregrinação devido à Sexta-feira da Paixão. Contudo, Parzival não aceita o convite dos peregrinos para passar o dia com eles, pois estava em desacordo com Aquele que veneravam, por não ter obtido ajuda Dele e não ter sido resguardado de tribulações.

Parzival rogou a Deus que em Sua bondade e sabedoria lhe pudesse acudir, mostrando a seu palafrem o melhor caminho a seguir. O animal conduziu-o a “Fontane la Salvatsche”, onde vivia em penitência o eremita Trevrizent. Parzival e o eremita iniciam uma longa e reveladora conversa.

Durante a conversa, Parzival confessa-se culpado pela morte da sua mãe, do cavaleiro Ither e da desunião de Orilus e Jeschute. Trevrizent, por sua vez, toma para si os pecados do cavaleiro e promete fazer penitência por eles. Neste momento, Parzival toma ciência de que Trevrizent e Anfortas são seus tios, Repanse de Schoye, a sacerdotisa do Graal, sua tia e a eremita Sigune, sua prima. Trevrizent narra para Parzival as desventuras de Anfortas.

Após a morte de Frimurtel, seu filho mais velho (Anfortas) fora investido no cargo de rei e protetor do Graal e sua comunidade. Contudo, Anfortas era muito jovem e não conseguia conter sua libido. “O impulso amoroso o impelia a sair à procura de uma experiência amorosa gratificante e bem-sucedida.” (ESCHENBACH: 1995, 303)

O rei do Graal não podia escolher quem bem quisesse, pois o nome da futura rainha do Graal apareceria escrito em sua borda, quando necessário. Anfortas não atentara para as regras e continuara em busca de novas aventuras amorosas, até que,

certo dia, em um combate, fora ferido nos órgãos genitais por uma lança envenenada e nunca mais tivera saúde.

Trevrizent, temendo a morte do irmão, compromete-se com Deus Todo-Poderoso a renunciar à carreira de cavaleiro, caso Ele resgatasse Anfortas daquela calamidade. Todo tipo de tratamento fora experimentado em vão, até que, em atitude de súplica, caíram de joelhos diante do Graal. Imediatamente, uma escritura apareceu em sua borda dizendo que “um cavaleiro viria e se, tomado de compaixão, perguntasse sobre a triste sina do rei, todas as tribulações terminariam. Mas ninguém poderia adverti-lo sobre a importância da pergunta, caso contrário esta não surtiria efeito.” (ESCHENBACH: 1995, 305)

II . CORPO, ALMA E CARNE NA SOCIEDADE MEDIEVAL

Para pensarmos qualquer conceito dentro do ocidente medieval, devemos, antes de mais nada, nos libertar de pré-conceitos e modelos que nos foram imputados pela nossa sociedade. O que hoje entendemos como corpo, alma e carne, sem sombra de dúvidas, não se apresenta com a mesma percepção que os medievais possuíam.

A primeira dificuldade que encontramos, é definir cada um destes três conceitos. O que depreendemos de todas as leituras realizadas é a grande preocupação que se tem em falar sobre o assunto, sem que os conceitos sejam, primeiramente, explicados. Afinal, o que é corpo, alma e carne para a sociedade do baixo medievo? Lembremos que nosso recorte temporal são os séculos XII e XIII.

Em nossa tentativa de definir o que é corpo não podemos separar o termo alma, pois na lógica medieval há um “amálgama entre corpo e alma”. (RODRIGUES: 1999, 55) “O corpo medieval não era um mero revelador da alma: era o lugar simbólico em que se constituía a própria condição humana.” (RODRIGUES: 1999, 56) Uma maneira de ratificar a “inseparabilidade” entre corpo e alma seria refletir sobre a questão da dor física na Idade Média.(4) A sociedade medieval mostrava-se pouco preocupada com os sofrimentos do corpo. Não devemos afirmar, contudo, que a dor não era sentida, pois quando sentida era desprezada e quando confessada era uma atitude de pecadores. Porém, este paradigma parece alterar-se a partir do século XII, quando um novo quadro se delineia. Devido a uma maior preocupação com a pessoa de Jesus (sua flagelação e crucificação), a piedade pelos doentes aumenta e com isto há um crescente desenvolvimento em relação ao número de hospitais e de obras de misericórdia/caridade.(5)

Duas correntes norteiam o conceito de alma na Idade Média. A primeira delas decorre da tradição platônica e afirma que “a alma não é criada, ela preexiste por toda a eternidade ao corpo no qual encontra uma habitação provisória.” (SCHMITT: 2002, 254) Porém esta noção de alma só será aceita pelo cristianismo medieval mediante algumas modificações, pois se acatada na íntegra iria contradizer “a noção cristã de criação por Deus de cada alma individual.” (SCHMITT: 2002, 254) Já a segunda corrente é a aristotélica e encara a alma como forma do corpo. Tal concepção de alma encontrará um “eco em Santo Agostinho quando ele afirma que ‘a alma é uma substância racional criada para reger o corpo’.” (SCHMITT: 2002, 254)

Já em relação ao terceiro conceito, acreditamos ter a carne um estigma de “instância pecadora”, onde vão incidir a culpa pela queda e a possibilidade de salvação, seja pela “ascese e castidade” ou “pela pena redentora do trabalho manual (*labor*)”. (SCHMITT: 2002, 256) Segundo Loi, a carne significa “o homem em sua corporeidade

e na sua realidade existencial terrena, efêmera e perecível” e tem uma “conotação semântica fortemente depreciativa com relação a tudo aquilo que, na realidade corpórea do homem, está em oposição ao *logos* (*ratio*)” (LOI: 2002, 258-259)

Ao afirmar que na cultura medieval “todos os sofrimentos impingidos ao corpo eram sofrimentos estabelecidos sobre a alma e vice e versa.” (RODRIGUES: 1999, 57), nos remetemos automaticamente à expressão que norteia o nosso trabalho: a mortificação da carne. Mortificar a carne é, sobretudo, torturar, fazer sofrer o corpo seja por penitência – como é o caso dos eremitas Trevrizent e Sigune em *Parzival*– ou por castigo divino – como é o caso de Henrique e de Anfortas.

III . A MORTIFICAÇÃO DA CARNE EM *DER ARME HEINRICH* E EM *PARZIVAL*

De acordo com os textos, tanto Henrique quanto Anfortas são castigados por Deus por terem cometido o pecado da luxúria. O primeiro, por ter valorizado a glória do mundo em detrimento dos caminhos de Deus e o segundo, por ter desejado muitas mulheres, as quais não lhe foram predestinadas pelo Graal.

O castigo divino que incide sobre Henrique é a lepra e em Anfortas um ferimento incurável, que constantemente purga, em seus órgãos genitais. Nos dois casos fica clara a relação da mortificação da carne com a expurgação do pecado. Aos dois personagens é dada a possibilidade de antecipar, nesta vida, o pagamento de uma dívida (a queda em pecado), potencialmente reservado para a outra. É dado a ambos a possibilidade de absolvição. Esta virá através da cura.

Comumente, nos tempos medievais, a lepra fora associada à punição por pecado sexual ou por falha moral, sendo os leprosos excluídos do convívio social. Entretanto, não há uma precisão no diagnóstico da doença, podendo qualquer afecção cutânea ou doença venérea ser confundida com a lepra.

Henrique, antes de tornar-se um leproso, era um cavaleiro de muitas posses, o que resultou numa “marginalização mais branda”, ou seja, em vez de ser denunciado formalmente por alguém, ter passado por testes e ser confinado em uma gafaria,(6) simplesmente se isolou em uma de suas propriedades no campo.(7)

O altivo cavaleiro, do início do texto, consome-se em “O pobre Henrique” (*Der arme Heinrich*). Pobre não no sentido material, daquele que não possui bens, mas pobre no sentido latino do termo **misellus, -a, -um**; desgraçado, que está em mau estado. O termo em **Mittelhochdeutsch** (médio-alto-alemão) para lepra (**miselsuht**) encarna bem o sentido latino do doente de lepra como um pobrezinho. Mais tarde, o termo em **Neuhochdeutsch** (alemão moderno) retrataria fidedignamente a situação dos leprosos. O substantivo **Aussatz** (lepra) significa “fora do contexto”, ou seja, aquele que é excluído.

Segundo Beniác, os centros mais renomados para tratar do assunto foram as escolas de medicina de Salerno, de Bolonha e de Montpellier, que “retomavam a herança médica greco-romana, transmitida e enriquecida pelos Árabes.” (BENIÁC: 1997, 130) E é justamente em Salerno que Henrique busca auxílio e ouve de um mestre (*meister*) o que iria curá-lo. O remédio para sua cura era o sangue do coração de uma donzela, que estivesse apta a se casar e que tivesse vontade de sofrer a morte para lhe dar a vida.

Era de conhecimento geral entre os medievais que a lepra era incurável e que somente por um milagre de Deus Todo-Poderoso poderia um leproso ser curado. Faz

sentido a cura ser o sangue do coração de uma donzela, pois o que estava corrompido e podre em Henrique era o seu coração, uma vez que este tem relação direta com a alma.(8) De posse da cura, Henrique reflete e vê que somente ele é culpado pelo seu pecado e mais ninguém pode pagar por seu erro. Ao reconhecer que estivera errado ao pecar e estava errado ao querer sacrificar uma donzela pura, comove a Deus, que demonstra toda a Sua misericórdia e cura o cavaleiro.

A ferida que nunca sara e que causa terríveis dores em Anfortas traduz seu pecado: concupiscência. A lança envenenada atingira o culpado pela luxúria, seus órgãos sexuais. Podemos analisar essa dor incessante como uma lembrança sempre presente daquele pecado outrora cometido e da possibilidade de absolvição através da mortificação da carne e da expiação de sua culpa.

A culpa de Anfortas fora dupla, pois infringira as leis de Deus e as leis do Graal. Todavia, se entendemos que o Graal é divino, a infração é única, pois a essência das regras provém de Deus, ou seja, são as mesmas. Nada mais justo do que castigar um rei que não respeitara as leis de Deus, pois segundo o pensamento medieval: um rei só é rei por providência e mandato divino, isto é, segundo a vontade de Deus. O sofrimento de um rei ensina aos seus súditos a não cair no mesmo pecado, pois se Deus não poupava a seu mandatário, por que pouparia a um homem comum?

Como rei e possuidor de muitos bens, Anfortas teve a seu favor todos os tratamentos conhecidos e experimentados da época: dos famosos tratados de medicina até as curas místicas e fabulosas.(9) Ervas, venenos de serpentes, sangue de pelicano,(10) coração de unicórnio, raiz de bistorta (11)... tudo em vão. Nada sarava a ferida. Eis que num gesto de desespero e súplica todos caem de joelho diante do Graal e este anuncia a cura.

A cura de Anfortas dependia de um cavaleiro, Parzival, que simplesmente deveria se compadecer e perguntar o que afligia o rei. Realizada a pergunta, a cura se operaria. Mas por que Deus, em sua misericórdia, não curara Ele mesmo o rei, depois de anos a fio de sofrimento? Por que a cura estava em uma simples pergunta realizada por um cavaleiro? A seguir tentaremos responder a estas perguntas que nos atormentaram no momento da leitura do texto.

De acordo com nossa opinião, Parzival é o agente da cura, e não a pergunta, pois somente quando o cavaleiro tivesse passado por todas as provações necessárias e tornasse a acreditar em Deus é que teria compaixão suficiente para se compadecer com o sofrimento alheio. A cura não fora dada somente a Anfortas, mas a Parzival também. Enquanto Anfortas cessara de sofrer fisicamente, Parzival encontrara novamente a paz e equilíbrio espiritual que tanto lhe faltavam. Acreditamos que a pergunta em si é um mero pretexto. O que verdadeiramente curou Anfortas foi o resgate da fé em Deus que durante anos Parzival perdera. Além do mais, se Parzival era o predestinado à ascensão ao trono (seria o novo rei do Graal) deveria crer em Deus e temer sua ira, pois caso contrário o reino do Graal não seria frutífero e pacífico, seria um caos.

Ambos os personagens por nós analisados encontram sua salvação/redenção através de terceiros, pois Deus é o verdadeiro salvador/purificador. Henrique encontra sua salvação por intermédio da donzela inocente que, conscientemente, se doa e Anfortas, pelo cavaleiro predestinado e inconsciente do ato que praticara (pois se consciente deste, a pergunta perderia o efeito).

O quadro seguinte sintetiza a comparação realizada durante este capítulo.

RESUMO DA COMPARAÇÃO

Romance	Der arme Heinrich	Parzival
Minnesänger	Hartmann von Aue	Wolfram von Eschenbach
Século	XII	XII-XIII
Personagem	Henrique	Anfortas
Pecado	Glória do mundo	Ansias por experiências amorosas
Pecado Capital	Luxúria	Luxúria
Mortificação da Carne	Lepra	Ferida aberta nos órgãos sexuais
Agente da salvação	Donzela consciente do ato	Cavaleiro inconsciente do ato
Salvador	Misericórdia de Deus	Deus

IV. CONCLUSÃO

A falta de explicações, delimitações e definições dos conceitos corpo, alma e carne na sociedade medieval, e iríamos mais além, em todas as sociedades, nos fizeram repensar a História do corpo, uma área que possui poucos trabalhos e os já escritos merecem uma maior atenção por parte dos pesquisadores. São trabalhos de qualidade, que suscitam mais perguntas do que esclarecimentos. Para pensar o corpo precisamos nos ver livres de todas as construções sociais que nos são impostas e reavaliar a percepção de cada época deste corpo e sobre este corpo, sem jamais esquecer que corpo é discurso, um discurso, onde porém, incidem interpretações, relações de poder, construções sociais e outras tantas relações.

Quando falamos em mortificação da carne, na sociedade medieval, negamos que haja uma mortificação do corpo, pois a carne é o valor, o sensorial, aquilo que dá prazer. Está fadada ao pecado. O prazer dado ao corpo só pode ser obtido com Deus, pois corpo e alma são amálgamas. Toda e qualquer violência incidindo sobre este corpo tenta

purificar a alma e não puni-lo. O flagelo é, portanto, uma tentativa de melhorar o corpo e não de castigá-lo.

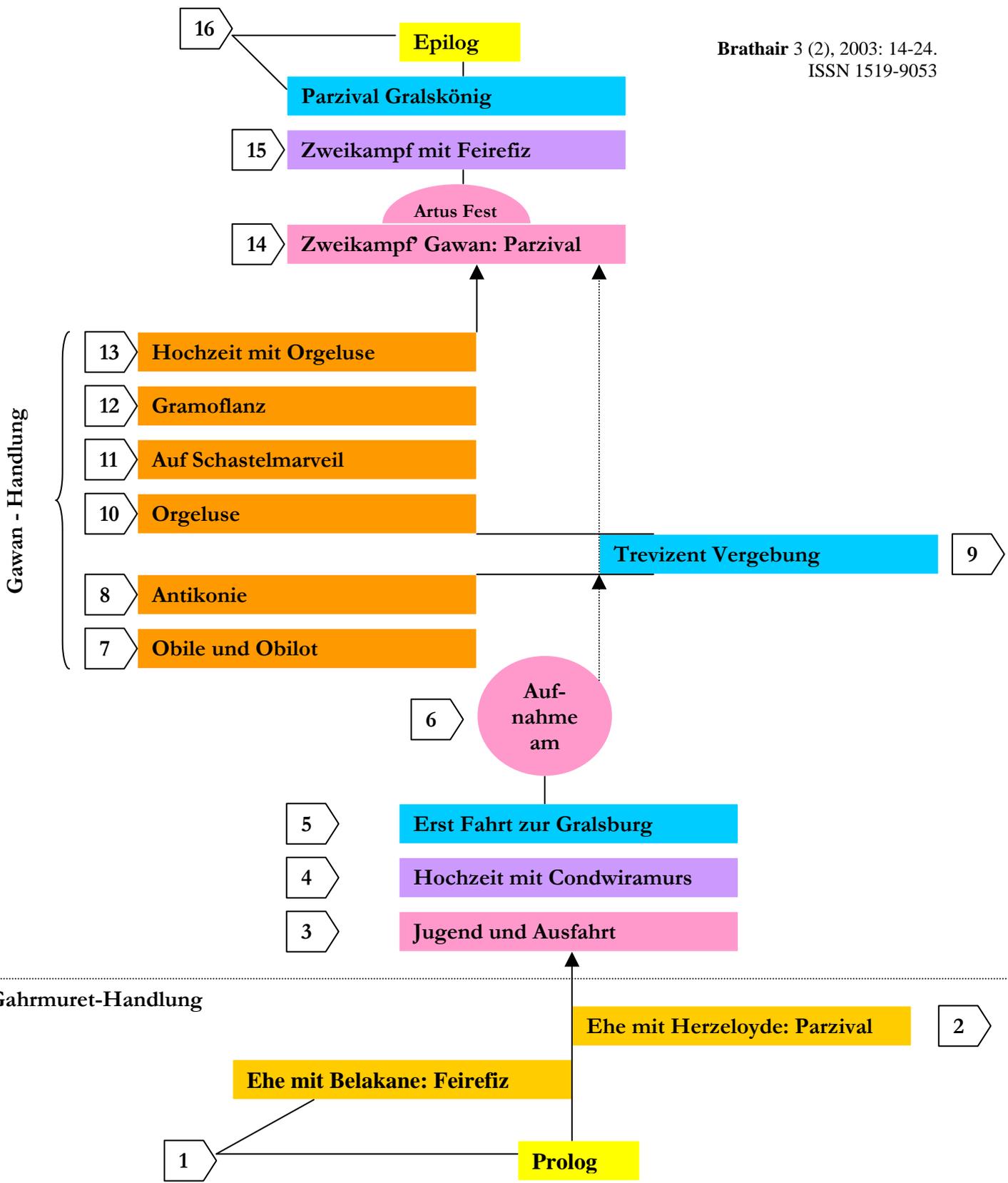
Para nós, indivíduos do século XX-XXI, é difícil que nos libertemos de valores compreendidos como únicos e vejamos o outro dentro da ótica de seus próprios valores, sem que lhe sejam atribuídos quaisquer juízos de valor. É mais fácil julgar através de nossas próprias percepções de mundo, do que procurar compreender o outro em seu universo, sem que haja qualquer deslocamento ou atribuição de valores.

O que procuramos esclarecer neste trabalho foi a relação que os medievais possuíam com seus corpos e como os compreendiam dentro de seu espaço e época. Através dos romances *Der arme Heinrich* e *Parzival*, procuramos comprovar como a construção simbólica das relações entre corpo, alma, carne, pecado e salvação foram construídas nos séculos XII e XIII. Embora o texto literário não seja um mero reflexo da sociedade, ele é uma apropriação da leitura (12) de mundo que o próprio autor realizou de sua época.

Bibliografia

- AUE, Hartmann von. *Der arme Heinrich*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch, 1976.
- BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso: História e Literatura*. São Paulo: Ática, 2000.
- BENIÁC, Françoise. *O medo da lepra*. In: LE GOFF, Jacques. (org.) *As doenças têm história*. Tradução de Laurinda Bom. Lisboa: Terramar, 1997. p.127-145.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- CORREIA, Fernando da Silva. *Estudos sobre a história da assistência: origens e formação das misericórdias portuguesas*. Lisboa: Henrique Torres Editor, 1944. p.186-192, 359-378.
- DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. Tradução de Eugênio Michel Silva e Maria Regina Lucena Borges-Osório. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- DUBY, Georges. *Reflexões sobre a dor física na Idade Média*. In: _____. *A Idade Média, uma idade do homem*. Tradução de Maria Assunção Santos. Lisboa: Teorema, 1990. p.191-197.
- ESCHENBACH, Wolfram von. *Parsifal*. Tradução de ^a R. Schmidt Patier. São Paulo Antroposófica, 1995.
- ESCHENBACH, Wolfram von. *Parzival*. Stuttgart: Philipp Reclam, 2001.
- GEREMEK, Bronislaw. *O marginal*. In: LE GOFF, Jacques (org.) *O homem medieval*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1990. p.233-248.
- GIORDANI, Mário Curtis. *História do mundo feudal: civilização*. Petrópolis: Vozes, 1983. II-2. p. 171-182, 202-208.
- GROSSI, Vittorino. *Alma humana*. In: BERARDINO, Angelo Di (org.) *Dicionário patrístico e de antigüidades cristãs*. Tradução de Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes, 2002. p.77-78.

- KLIEHM, Martin. *Medizin im Mittelalter*. In: <http://www.tempus-vivit.net/tempus-vivit/bibliothek/geschichte/medizin/>
- KLUGE, Friedrich. *Etymologisches Wörterbuch der Deutschen Sprache*. Berlin: Walter de Gruyter & Co, 1957.
- LEENHARDT, Jacques et PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.) *Discurso histórico e narrativa literária*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1998.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Tradução de Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval*. Tradução de António José Pinto Ribeiro. Lisboa/Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.
- LEXER, Matthias. *Mittelhochdeutsches Taschenwörterbuch*. Stuttgart : Hirzel, 1992.
- LOI, Vincenzo. *Carne*. In: BERARDINO, Angelo Di (org.) *Dicionário patrístico e de antigüidades cristãs*. Tradução de Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes, 2002. p.258-259.
- RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Tradução de Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p.153-166.
- RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999. p.55-63.
- SCHMITT, Jean-Claude. *Corpo e alma*. Tradução de José Carlos Estêvão. In: LE GOFF, Jacques et SCHMITT, Jean-Claude (org.) *Dicionário temático do ocidente medieval*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/Edusc, 2002. p.253-267.
- SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. *Literatura e História: reflexões a partir de um estudo de caso*. In: REDES. Rio de Janeiro, v.1. n.3. setembro/dezembro, 1997.
- STAROBINSKI, Jean. *A literatua: o texto e seu intérprete*. In: LE GOFF, Jacques et NORA, Pierre. *História: novas abordagens*. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- SPIDLÍK, Thomas. *Corpo*. In: BERARDINO, Angelo Di (org.) *Dicionário patrístico e de antigüidades cristãs*. Tradução de Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes, 2002. p.345-346.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino-português*. Porto: Marrânus, 1945.



ANEXO

Notas

- (1) Ao escrevermos este trabalho na segunda pessoa do plural, não estamos nos remetendo ao plural de modéstia, ao qual a gramática da norma padrão assim denomina, mas sim ao que Maria Aparecida Baccega já enunciara. "...: a autora deste trabalho é um indivíduo/sujeito, resultado dos discursos sociais, com um sistema de referência por ela interpretado, a qual interage com a realidade, apropriando-se dela de acordo com seus valores." (BACCEGA: 2000, 16)
- (2) Correlato, guardada as devidas proporções, ao termo trovador da literatura medieval galego-portuguesa.
- (3) Em relação aos Livros que constituem a obra Parzival ver anexo.
- (4) Cf: DUBY: 1990, 192 e 195.
- (5) Cf: DUBY: 1990, 196-197.
- (6) Cf: RICHARDS: 1993,154.
- (7) "Havia também distinção de classe entre os leprosos. Os ricos poderiam providenciar uma reclusão em sua própria casa ou em alojamentos nas áreas dos leprosários." (RICHARDS: 1993, 160)
- (8) "A oposição entre alma e corpo tende a ceder lugar à oposição entre coração e carne, que se firma de outra maneira, mais afetiva e mais ambivalente: o coração é mais carnal que a alma, a carne é um valor, tanto quanto a matéria."(SCHMITT: 2002, 259)
- (9) Fabuloso, enquanto mitológico e imaginário.
- (10) "Existe, ademais, uma ave chamada pelicano. Quando sua ninhada se liberta da casca, ele a cumula de carinhos tão exagerados que, movido por carinhosa dedicação, rompe a bicadas o próprio peito, deixando escorrer o sangue no bico dos filhotes. Ele próprio morre na hora."(ESCHENBACH: 1995, 305)
- (11) "Trata-se, segundo a lenda, de uma planta com virtudes curativas, cuja raiz é duas vezes retorcida sobre si mesma, donde o nome. Sua conformação retorcida, acrescida da misteriosa vinculação aos astros, alude à constelação boreal do Dragão (a oeste de Cefer e Cisne, a leste da Ursa Maior, ao norte de Hércules e ao sul da Ursa Menor), de cujo sangue a bistorta teria nascido." (ESCHENBACH: 1995, 512)
- (12) Cf: CHARTIER: 2001, 12.